

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O

Trabalho no Século XXI.

Mudanças, impactos e perspectivas.

**GT 01 - Los trabajadores temporarios en la agricultura
globalizada**

**NO TURBILHÃO DAS MUDANÇAS: PROCESSOS
CONSTITUTIVOS DE IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS
DE AÇÃO ENTRE TRABALHADORES SAZONAIS DA
CANA DE AÇÚCAR EM SERGIPE.**

Jaime Santos Júnior¹

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

NO TURBILHÃO DAS MUDANÇAS: PROCESSOS CONSTITUTIVOS DE IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO ENTRE TRABALHADORES SAZONAIS DA CANA DE AÇÚCAR EM SERGIPE.

RESUMO SIMPLES

A diversidade de perspectivas teórico-conceituais mobilizadas para a compreensão das transformações nas relações de trabalho no espaço rural brasileiro deixa entrever que, apesar do forte acento na temática da “precarização” do trabalho, tem havido um esforço significativo de oxigenação do debate instigado pelas transformações recentes ocorridas no Complexo Agroindustrial Canavieiro. Ao eleger como perspectiva de análise as estratégias e práticas mobilizadas pelos sujeitos envolvidos na lavoura canavieira para fazer frente a tais mudanças, o presente estudo volta-se para a análise dos processos constitutivos de identidades no contexto do “trabalho sazonal”. A nossa hipótese é de que os indivíduos mobilizam diferentes identidades como estratégia de ação.

RESUMO EXPANDIDO

Para ir direto ao ponto, este artigo trata dos processos constitutivos de representações identitárias entre cortadores de cana no estado de Sergipe. Cumpre ressaltar, desde logo, que, dada a amplitude do tema da identidade do sujeito, rico em suas múltiplas dimensões, o escopo desse texto não radicar-se-á em inventariar o que foi escrito sobre a questão das identidades, mas buscará analisá-la sistematizando autores que trataram dos seus processos constitutivos tendo em vista o alvo a chegar, qual seja, compreender como as mesmas se expressam em um cenário de trabalho marcado por dois traços distintivos: a sazonalidade e a migração.

Tradicionalmente, o tema das identidades oriundas da experiência do trabalho esteve presente, na literatura, sob o registro das abordagens que assimilaram a identidade do trabalho à identidade de classe. Pretendemos, entretanto, abordá-lo sob um viés específico e ligeiramente distinto. A flexão de número do substantivo “identidades”, tal como aparece já desde o título, sugere um pressuposto analítico que nos guiará: conquanto tomando a perspectiva do indivíduo na sua relação com o trabalho, não pretendemos reivindicar uma forma de identidade putativa ou reificada. Assumimos que as identidades, forjadas a partir do sentido subjetivo que lhes é atribuído tendo em conta o vivido, representam diferentes formas de engajamento que informam as estratégias de ação dos indivíduos. Este último aspecto atinge o núcleo do argumento que se pretende desenvolver. Vejamos.

Se for verdade que a história dos trabalhadores da cana deve ser narrada em tom de tragédia, não se pode concluir daí que tais sujeitos foram passivos diante das profundas mudanças pela qual passou o setor canavieiro no Brasil. A história da cana de açúcar no Brasil deixa entrever como os trabalhadores resistiram às mudanças ao longo do tempo. Se algumas vezes essa resistência assumiu a forma de um confronto direto contra o opressor, a exemplo das sabotagens que os escravos faziam ainda nos antigos engenhos de açúcar, ou, mais tarde, pelas greves e paralisações nas usinas; por outras ela se revelou de maneira latente, velada (Sigaud, 1979 e 1980; Lopes, 1978; Andrade, 1980). Ocorre que a compreensão dessas formas de resistência – individual ou coletiva – requer que tomemos como válidas ações que poderiam ser consideradas *a priori* como simples capitulação. Não se expressando na forma de um confronto direto com o opressor, a teia de ações que representam aquilo que Scott (1985) denominou de

everyday forms of peasants resistance, revela ser um instigante caminho para análise das estratégias de ação daqueles trabalhadores diretamente envolvidos na lavoura canavieira. Pode-se dizer que essa chave interpretativa, na verdade, se nutre da grande discussão sociológica em torno dos elementos da estrutura que condicionam a ação, e, na outra ponta, a capacidade de agência dos indivíduos em suas ações ordinárias. Portanto, a problemática aqui levantada assenta-se em longa tradição sociológica.

Estudos anteriores sobre a temática das estratégias de ação dos trabalhadores da cana de açúcar já forneciam subsídios para aprofundar o que aqui se propõe. Assim, ainda que por caminhos diferentes e observando distintas realidades, os achados de pesquisa de Woortmann (1990), Scott (1986), Menezes (2000), Silva (1999 e 2005), entre outros; já sugeriam um processo contínuo de ações de resistência dos camponeses que se revelava em formas variadas. O traço saliente da presente pesquisa está em mostrar como representações e práticas que constituem a experiência vivida no âmbito do trabalho podem ecoar, internalizando no contexto laboral, significados extra-profissionais, isto é, significados tecidos mais além dos campos dos saberes e competências, dos espaços e regras, das hierarquias e funções, social e institucionalmente associadas a profissões específicas. O intercâmbio entre as identidades forjadas a partir da experiência do trabalho e aquelas oriundas de outros espaços de sociabilidade tais como a família e a comunidade, podem informar, ao que se sugere, distintas estratégias de ação. Aqui está o núcleo do argumento dessa pesquisa.

Tradicionalmente, as pesquisas ligadas à questão da experiência do trabalho observaram, em sua maioria, espaços fabris urbanos. Delas difere o presente estudo. Ele toma como objeto uma categoria de trabalhadores que possui algumas particularidades, analiticamente desafiadoras. A primeira delas é a própria relação com o trabalho, que é, aparentemente, “sazonal”. A segunda, evidencia-se na relação com um tipo de trabalho constantemente associado a situações que o fazem degradado e precário. Por fim, trata-se de uma atividade realizada em ambiente rural, muito próxima, mais das vezes, das atividades já realizadas, pelo próprio indivíduo trabalhador, anteriormente, como camponês, em sua lida diária no campo; e muito distante do ambiente fabril costumeiramente tratado como objeto pela sociologia, mas recorrentemente confrontado pelo trabalhador em sua experiência de vínculos fragmentários e recorrentes com o trabalho na agroindústria da cana. Todas essas particularidades nos fazem ter o interesse voltado a entender um grupo de trabalhadores que, *stricto sensu*, pouco aparece nas

pesquisas sobre os processos constitutivos de identidades de trabalho, tal como disponíveis na sociologia brasileira do trabalho.

Apesar dessa aparente dificuldade inicial, as transformações em curso nesse setor da atividade econômica, marcadamente a implementação de um intenso processo de mecanização da colheita, a presença das migrações pendulares, o avanço de relações de trabalho fabris em meio a populações campesinas sugerem ser esse um bom campo para a análise do fenômeno das identidades.

O espaço de realização da pesquisa concentra-se no estado de Sergipe. Nos últimos anos, particularmente a partir de 2004, este estado presenciou um intenso processo de retomada da produção canavieira. Anteriormente estagnada, a lavoura da cana saltou de 17584 hectares em 2002, para 57600 hectares em 2011². No mesmo diapasão, o volume de mão de obra empregada saltou de menos de três mil trabalhadores em 2006, para mais de onze mil trabalhadores em 2011³. Em vista da pequena extensão territorial de Sergipe, o impacto desse crescimento foi sentido em toda a economia dos municípios diretamente atingidos. As regiões do Cotinguiba e Baixo Cotinguiba voltaram a ter uma paisagem marcada pela lavoura da cana de açúcar.

O recorte empírico da pesquisa será feito com trabalhadores das seis usinas existentes atualmente, compondo, portanto, seis casos. A seleção dos casos e, por conseguinte, dos trabalhadores, se deve menos a um recurso probabilístico amostral e mais a possibilidade de compor uma amostra suficientemente heterogênea (não apenas quanto ao local de trabalho, mas, sobretudo, quanto a diversidade interna da mão de obra e local de moradia) capaz de constituir distintos contextos por meio da qual se pode tipificar, para bem analisar, os modos como o trabalho e vida cotidiana se entrelaçam, criando, assim, formas de estruturação social sobre as quais se erigem e se transformam as identidades. O suposto é que uma sociologia das identidades não pode prescindir de pensá-las como socialmente enraizadas em contextos estruturais, pelo que é central controlar tais condições contextuais.

Os resultados aqui abordados compõem-se das primeiras entrevistas de campo realizadas com os trabalhadores diretamente envolvidos na lavoura da cana. A seleção dos casos obedeceu à construção do seguinte modelo.

² Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal.

³ Fonte: Ministério do Trabalho e do Emprego, RAIS.

Os cinco contextos-tipo foram equacionados do ponto de vista analítico a partir de três variantes principais; neles os casos estão representados na maneira como abaixo indicado:

(a) Variante 1 / Contextos 1, 2 e 3: Empreendimentos locais e diversos na sua localização, escala e tempo de operação.

Nessa variante, que reúne empreendimentos locais, o volume da mão-de-obra e a complexidade da organização e das relações sociais, no trabalho e fora dele, em condições de escala variável fazem com que o tamanho, a densidade do aglomerado de trabalhadores e a heterogeneidade dos mesmos possam ser fatores importantes para configurar modalidades distintas de nexos entre trabalho e vida cotidiana.

Assim sendo, para bem recobrir essa variante selecionamos usinas diversas por seu tamanho e seu tempo de operação, e com isso chegou-se a definir três diferentes contextos estruturais:

- . Contexto 1 : Empreendimento local, de grande porte e antigo: entrevistas com trabalhadores da Usina São José do Pinheiro.

- . Contexto 2: Empreendimento local, de médio porte e recente: entrevistas com trabalhadores das usinas de Campo Lindo e Taquari.

- . Contexto 3: Empreendimento local, de pequeno porte e recente: entrevistas com trabalhadores de Junco Novo e Iolando Leite.

(b) Variante 2 / Contexto 4: Empreendimento nacional que se desloca em direção ao Nordeste.

Nessa variante interessa criar as condições para verificar como o modo de gestão do trabalho e de organização dos trabalhadores pode sofrer o impacto de outras experiências ou culturas de gestão, desenvolvidas em unidades localizadas em outras regiões, tradicionalmente produtoras sucroalcooleiras; vale dizer, como o modelo do Centro-Sul pode perpassar o modo nordestino e mais recente de organizar o trabalho e, assim, produzir um contexto diverso dos anteriores no que concerne ao enlace entre trabalho e vida cotidiana.

A usina da Companhia Brasileira de Açúcar e do Alcool (CBAA) tipificaria este Contexto 4, no qual serão conduzidas entrevistas com os seus trabalhadores.

c) Variante 3 / Contexto 5: Empreendimentos locais, distintos pelo modo de organização e gestão da vida no trabalho, mas num mesmo contexto sócio-espacial.

Nesse caso, interessa verificar como modalidades de gestão do trabalho distintas, de experiências de vida no trabalho diversas podem conviver num mesmo ambiente local de referência. Dizendo-o de outro, refere-se aquelas situações em que a experiência de vida ocupacional é divergente, mas as alternativas de organização da vida extra-trabalho podem ser convergentes.

As usinas Taquari, Junco Novo e Iolando Leite, todas localizadas em Capela, tipificariam esse Contexto 5, e nelas serão selecionados trabalhadores para entrevista. Os resultados da primeira etapa do trabalho de campo, realizado em janeiro de 2012, confirmaram a pertinência dessas três variantes e dos cinco contextos estruturais de coleta que haviam sido definidos.

Por fim, um resultado parcial do que até aqui foi coletado – uma vez que a pesquisa ainda está em andamento – será aqui discutido.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

LOPES, José Sérgio Leite. *O Vapor do Diabo*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

MENEZES, Marilda Aparecida. Experiência Social e Identidades: trabalhadores migrantes na plantation canavieira. In: *História Oral*, 3, 2000, p.49-68.

SCOTT, R. P. Migrações interregionais e estratégia doméstica. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 3, n.1, p. 101-105, 1986.

SCOTT, James C. *Weapons Of The Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. Yale University, 1985.

SIGAUD, Lygia. *Os Clandestinos e os Direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

_____. *Greve nos Engenhos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. A face oculta do trabalho: migrantes nas usinas canavieiras de São Paulo. In: *Revista Lationamericana de Estudios del Trabajo*. Ano 10, n. 17. pp. 31-54, 2005.

WOORTMANN, Klass. Migração Família e Campesinato. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, n.1, p. 35-53, 1990.